



## Toda via,: os cortes de Michele Santos — a mulher, periferia, a poesia

Toda via,: Michele Santos' cuts — women, periphery, poetry

Toda via: los cortes de Michele Santos — mujer, periferia, poesía

Rafael da Cruz Ireno\* 

### Resumo

O presente artigo lê o livro *Toda via*, (2015), de Michele Santos, em três movimentos essencialmente: em primeiro lugar, faz a apresentação da coleção de poemas que marca a estreia da escritora e agente cultural do extremo da zona sul de São Paulo, ressaltando as principais linhas de força de sua escrita. Em seguida, tentamos compreender seu estilo em diálogo com as questões da literatura periférica. Na última parte, realizamos uma análise interpretativa dos poemas, na qual observamos os recursos estéticos usados para, entre outras coisas, refletir a linguagem e seus limites, o que se liga intrinsecamente, no caso de Michele Santos, a ter consciência de ser mulher no mundo a partir da periferia.

**Palavras-chave:** literatura periférica; poesia; mulher; sarau; periferia.

### Abstract

The present article intended to read the book *Toda via*, (2015) by Michele Santos, in three acts: the first one is the presentation of a collection of poems, which marks the debut of the writer and important cultural agent of the extreme south zone of São Paulo, highlighting the main lines of her writing. Next, we will try to understand her style in dialogue with the issues of peripheral literature. In the last part, an interpretative analysis of the poems will be performed, which was aimed to observe the aesthetic resources used by this poet, to, among other things, reflect on language and its limits, which is intrinsically linked, in the case of Michele Santos, to having the awareness of being a woman in the world from the periphery.

**Keywords:** Peripheral literature; poetry; woman; soirée; periphery.

### Resumen

El presente artículo pretende leer el libro *Toda via*, (2015) de Michele Santos, en tres movimientos esencialmente: en primer lugar, la presentación del libro que marca el debut de esta escritora e importante agente cultural de la zona extremo sur de São Paulo, destacando las principales líneas de su escritura. A continuación, tratamos de comprender su estilo en diálogo con las cuestiones de la literatura periférica. En la última parte, se realizó un análisis interpretativo de los poemas, en el que queremos observar los recursos estéticos utilizados, entre otras cosas, para reflejar el lenguaje y sus límites, lo cual está intrínsecamente ligado, en el caso de Michele Santos, a tener conciencia de ser mujer en el mundo desde la periferia.

**Palabras clave:** literatura periférica; poesía; mujer; soirée; periferia.

\*Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil. E-mail: irenorafa@gmail.com

Sons, palavras, são navalhas  
E eu não posso contar como convém  
sem querer ferir ninguém  
mas [...]  
Isso é somente uma canção  
A vida realmente é diferente  
Quer dizer  
A vida é muito pior  
(Belchior).

Neste artigo, tratarei do livro de poemas *Toda via*, (2015), de Michele Santos — uma jovem poeta de São Paulo. É importante frisar desde já que sua poesia se inscreve na esteira da literatura marginal/periférica (Eble; Lamar, 2015), que tem início na virada do século. Michele ocupa um papel reconhecido tanto de escritora como de produtora cultural no extremo da zona sul, organizando o sarau *Sobrenome Liberdade* e, mais recentemente, a Festa Literária do Grajaú (FLIG). Ligada às mobilizações literárias das periferias desde muito cedo, sua obra começa a se destacar por volta de 2013, quando escritoras iniciam, de forma estratégica, um questionamento e uma denúncia sobre a reprodução de estruturas machistas nos próprios saraus. Mais tarde, em 2015, este levante desaguarda no movimento conhecido pela *hashtag* “não poetize o machismo”. Muito da elaboração dessa sua estreia se situa nesse contexto. Isso se observa no trecho da poesia “(E)fême(r)a” (Santos, 2015, p. 41), em que, de fato, a autora reflete profundamente sobre ser mulher na sociedade:

Ser a dita mulher  
moderna  
ser a bem  
ser a mal  
dita mulher  
bela anti amélia  
[entre outros predicados  
tantos

vai se equilibrando no desvario do cotidiano.

Acorda  
:corta cura  
acode acua  
corre senta  
sangra  
sua  
e de ser tanta gente numa  
já não sabe quem tomar por égide  
[embora  
concatena  
não ser possível representar-se em  
vulto algum

Atena?  
Afrodite?  
Pagu?

Quem melhor espelha a mulher moderna –

acumula invernos  
    infernos  
questões internas  
já que o mundo não a responde  
vocífera.  
O mundo, fera  
    fere  
    [...]

Os trocadilhos, o ritmo acelerado e as rimas irregulares se referem a boa parcela dos artifícios da escrita de Michele Santos. Ela explora, com muita destreza, certa maleabilidade da língua. E há um impulso de criação em sua fatura poética: os versos se precipitam uns sobre os outros numa enxurrada, dando novos sentidos às palavras, como na passagem da quarta para a quinta linha, em que o vocábulo “maldita” se forma por uma associação sonora. Aqui, tem-se que olhar principalmente para a arquitetura dos cortes precisos – que, por sua vez, sempre revela um aspecto ambíguo da linguagem. Como quando, no final do excerto, “vocífera” se decompõe e queda “fera” e, igualmente, pela repetição da rima, este traz consigo o verbo ferir que, de fato, aparece logo abaixo, conjugado. Tal proceder – a ruptura atrás do ambíguo – espalha-se de um jeito obsessivo quase por todas as páginas. Trata-se, sem dúvida, de um princípio organizador da obra. O próprio título do poema, assim como o do livro, é dividido tipograficamente. O mesmo acontece com os subtítulos de quatro (das cinco) seções, que separam os poemas: “Entre/tanto”, “Con/tudo”, “A/pesar” e “Em/bora”. São todas conjunções que criam relações de oposição.

O artifício, se olharmos com mais calma, indica uma desconfiança latente em relação ao alcance da linguagem. Um incômodo com a distância entre o mundo e sua representação artística. A poeta se confronta com uma espécie de incompletude da palavra, que é formulada, por exemplo, no começo do poema “A mares morto”:

Há palavras tão cansadas de existir  
quanto as próprias coisas pra que elas servem  
você veja o mar, não te parece eterno?  
sua palavra é gasta porque nós a fizemos  
mas não cansa os olhos nem as manhãs a coisa  
devíamos aprendê-lo  
quando ele diz  
gritando onda por sobre o silêncio  
daí a gente faz prendê-lo  
álbum de verão  
os risos e os ‘xis’ perdem-se no documento  
a foto não segura  
o oco do nosso dentro

a gente é mouco  
pro mar  
para existir ele só precisou ser  
e ele há  
[...]

Este trecho exemplifica seu questionamento sobre o limite do signo. Algo falta nessa relação, algo está perdido e a poeta se depara com o vazio, “oco do nosso dentro”. É bem provável que o grande esforço, que se enxerga no livro, de tentar redefinir os objetos, por ela mesma, tenha nascido como uma reação a esse espaço que separa a gente das coisas. São inúmeras as formulações, ao longo do livro, tentando responder a esta pergunta: o que é, verdadeiramente, a poesia? Do mesmo jeito que isso me parece uma das origens daquela ânsia de criação mencionada acima, seria uma estratégia de resistir a esse sentimento de gastura. Mas, daí a contradição, o corte revela o novo somente destruindo o que existe. A revelação da ambiguidade, por meio da ruptura, desvela também a incompletude da palavra e concede à poética de Michele Santos um caráter meio de denúncia (em parte, para si mesma), meio de inconformismo quanto à insuficiência de sua matéria-prima. Talvez a leitura do poema “Othelo’s” (Santos, 2015, p. 52) possa esclarecer melhor a questão:

Versos que lhe cortassem.  
Lhe atravessassem feito falta de mãe ou perda de amor ou  
lhe dobrassem em decúbito  
dor  
sal  
versos que lhe lessem-nos  
sobretudo versos que não estivessem nem aí para a utilização  
equivoca do pronome oblíquo  
quando oblíquo de fato  
somos-nos  
[...]  
Sendo o que sou  
não posso mais que as sinta  
e sentir é analfabetamente empírico  
eu lírico um títere chapado de ego trip  
testando efeitos e cortes precisos  
pré cisos arrombando fundos de bocas mortas  
as palavras são nascidas do rasgo da gengiva  
o gozo do palato duro quando a língua toca  
parindo fonema:  
delícias de som e forma  
  
mede-as todas mete-as  
num poema  
não para  
não para

não para  
 não para mim  
 [nunca pra mim

deus me dê fenda

por fim  
 que lá quero com verso que corte  
 que revele?  
 que releve?  
 que resvale  
 na pequenez do meu ciúme de morte?

A faca já lascou foi toda a pele.

palavra,  
 hora dessas?  
 não fede não cheira e  
 principal e sobremaneira:  
 não fecha o rombo que me fode o peito desde que você foi  
 embora.

A conjugação no subjuntivo, na primeira estrofe, já demonstra incerteza e dúvida quanto aos versos, que precisariam ser outra coisa, mais tangíveis, mais cortantes de verdade, menos distantes da ação, para atender às necessidades da poeta. Ainda que haja um grande deleite erótico — isso ela não esconde — na experimentação poética, no final, prevalece o descontentamento. A palavra que não resolve o problema, “não fede não cheira”, não sana a dor. Reparem que este processo formal do corte é tão intenso que, em certos momentos, ultrapassa um limiar delicado, tornando-se excessivo, às vezes um maneirismo, no sentido de que a forma suplanta a expressão sem contribuir efetivamente com ela. A imagem acaba prejudicada, como acontece em “as sinta”, que, pela estrutura da frase, sugere o “verbo assentir” ou no desdobramento de “precisar” em “pré ciso”.

Essa relação oblíqua com a palavra, essa desconfiança um tanto melancólica, configuraria a nosso ver um traço dissonante no contexto da *Literatura Periférica*<sup>1</sup>, que, em grande parte, conta com produções literárias que aderem ao “poder da palavra”, apostando que a poesia mudará a realidade imediata. Uma atitude que, não raramente, converte-se em formulações idealistas, entusiasmadas, positivadas, as quais têm suas razões políticas, éticas e psicológicas, sobretudo num país tão desigual. Não obstante, os resultados estéticos são insuficientes, simplificados e, às vezes, inocentes demais. Justamente, o cismar da poeta quanto à sua própria matéria-prima condiciona uma proposta formal sutil e original (este gesto no mínimo ambicioso de produzir algo diferente, talvez, seja responsável — como um efeito colateral — do hermetismo em seu estilo). Infelizmente, apesar de ter circulado bastante nos saraus e de isso ter sido, acredito eu, uma experiência

1 Na bibliografia, destacamos os livros de Erica Peçanha do Nascimento (2009) e Lúcia Tennina (2013; 2017). Trabalhos fundamentais para se compreender a história e o desenvolvimento da literatura marginal-periférica. Interessa-nos, sobretudo, os instantes em que as duas pesquisadoras se detêm nas dinâmicas dos saraus. Os títulos são, respectivamente, em *Vozes Marginais da literatura* (2009) e *Cuidado com os poetas! Literatura e periferia da cidade de São Paulo* (2017). O artigo “Saraus das periferias de São Paulo: poesia entre tragos, silêncios e aplausos” (2013) de Tennina também merece ser salientado.

formadora para a escritora, pouca discussão sobreviveu às instâncias da divulgação ou do lançamento. Embora a poeta represente uma presença forte e constante na periferia da zona sul de São Paulo, não houve um debate sobre suas escolhas estéticas. Em forma de texto, por exemplo, uma das únicas reflexões disponíveis foi escrita no blog *Outras Palavras*, de Eleilson Leite (2020). No caso, notem que o comentário compreende os poemas de *Toda via*,<sup>2</sup> precisamente, ocupando um lugar de exceção no movimento periférico:

Michele Santos é erudita e seus poemas são elaborados com um esmero de carpinteira. Ela escreve como João Cabral de Melo Neto. O poeta pernambucano, que faria 100 anos em 2020, dizia que sua poesia tinha “uma textura áspera; difícil de ser lida em voz alta”. Ele não queria um poema que embalasse o leitor numa leitura fluente como um carro que desliza numa pista asfaltada. Sua poesia era uma rua de pedregulhos. Vejo a escrita de Michele um pouco assim. A arquitetura de seus poemas é rebuscada; não usa estrofes, seus versos são equilibrados como caixas de formatos distintos empilhadas, mas que formam um conjunto coeso, apesar da aparente instabilidade. [...] As duas autoras aqui analisadas publicaram seus livros de estreia na poesia (Lana tem um livro anterior em prosa) já nesse contexto mais contemporâneo no qual a experimentação literária já tinha ganho espaço na literatura periférica. Isso significava também não só o desprendimento do sarau, como do território a ele vinculado. Lana e Michele fazem uma poesia desterritorializada que cabe em diferentes contextos, não só da periferia que mal é citada pelas duas. Uma poesia cuja densidade e amplitude de repertórios a conecta com pessoas de realidades e perfis sociais distintos. São livros que expandem o gosto pela literatura e o próprio circuito em que a produção literária da periferia é produzida e consumida (Leite, 2020).

Eleilson Leite (2020) se propõe a compartilhar sua leitura pessoal dos poemas de *Toda via*, — numa perspectiva comparativista em relação ao livro *Cheiro de Mato e Capim-limão*, de Ivone Lopes Lana, escritora da zona leste de São Paulo. Então, apesar de notar a densidade e amplitude da arquitetura rebuscada de Michele, suas observações não ultrapassam o patamar do comentário, por assim dizer, mais descritivo. Como o próprio autor esclarece noutra instância do texto, ele não tratará das escolhas formais, uma vez que sua análise foca somente o conteúdo da obra e não a parte estética. O que lhe chama atenção, coisa que se apresenta desde o título do artigo “Poemas para não serem lidos em voz alta”, seria a impressão de que essa poesia não é prioritariamente oral, ou seja, não se adequaria completamente ao sarau. Em seus termos, os versos “são melhores percebidos se lidos” no papel. Eu discordo desse argumento. Insisto no fato de que o traço particular de Michele Santos está na concepção mesma da palavra, na incredulidade, que a faz mergulhar numa pesquisa estética profunda para revelar os mistérios da poesia. E, por conta disso, escapa de certa ideologia (problemática) que modela parte das produções periféricas. Ademais, não tenho dúvida de que seu processo estético está ligado intimamente ao sistema de saraus, às questões da literatura da periferia<sup>3</sup>.

A linguagem não é fácil. O obstáculo não tem a ver com a leitura em voz alta ou não, pois, de modo geral, a contemplação silenciosa de *Toda via*, propõe um desafio igualmente intrigante. Por este ângulo, aliás, penso o contrário: a declamação facilitaria a compreensão da poesia, porque envolve o corpo. Por exemplo, convido os leitores a assistirem à participação de Michele Santos, em 2016,

2 Existem muitas entrevistas de Michele Santos na internet, que são, igualmente, interessantes para conhecer a produção da poeta, contudo focalizam a pessoa, o percurso da escritora e muito pouco as escolhas formais de seu livro.

3 O percurso deste livro, por si só, aponta para uma série de características importantes da literatura periférica: *Toda via*, foi custeado pela autora, que, desde a publicação em 2015 até o último lançamento oficial na *Cooperifa* em 2018, divulgou, discutiu e vendeu seus versos de maneira independente. Este tem sido o caminho natural da maioria dos artistas periféricos. Até pouco tempo atrás, todos os dias da semana havia um sarau nalguma quebrada da cidade, onde se poderia “mangear” os poemas, geralmente, num preço médio de vinte reais.

no programa *Manos e Minas* da *TV Cultura*<sup>4</sup>. Prestem atenção especialmente nos movimentos dos braços, mãos e dedos, que acompanham o desenho das palavras numa tentativa de potencializar seus significados. Observem que existe uma relação evidente entre os cortes, o ritmo da respiração quando a poeta profere seus versos e a disposição tipográfica no papel. As *performances* são de “(E) fême(r)a” e “Sobre searas: saraus” (Santos, 2015, p. 33-34), do qual reproduzirei parcela logo abaixo.:

Aquele que se indaga  
aponta pra si  
a ponta da adaga  
da dúvida

[donde a arte que me inflijo é bainha.

Escrevo porque sangro  
num canto  
onde só a palavra estanca

escrevo pra conhecer minhas perguntas  
respostas são feitas de enquanto

A palavra carrega em si o poder do encanto  
mas que não se finde nela o alumbramento  
estético  
o que procuro dela é o  
espanto  
a traduzir os lapsos do cotidiano  
e perceber o milagre  
das flores amarelas chorando sobre Macondo

[ao que paro  
penso  
peço:

que estes traços  
concebidos à sombra do  
caos  
sejam preces a trazer  
luz  
pros próximos passos.

4 “(E) fême (r) a. Disponível em: <https://youtu.be/TXfJT9b0zrQ>. Acesso em: 22 out. 2020; e “Sobre searas: saraus. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Rjm1qO8GVVU&t=26s>. Acesso em: 22 out. 2020. Outras declamações da poeta podem ser facilmente encontradas na internet.

A adaga da dúvida seja enfim  
lâmina  
fria  
cortando-me a carne  
    me talhe  
em pedaços de  
palavra &  
poesia

: vou me dar aos bifés [té não sobrar mais nada]

Irmanado meu por-dentro  
pode até que fique oca. vazia,

mas consiga sentir  
a tempo  
    que  
    o lamento que  
    verbalizo  
    é alimento que  
    compartilho

pra uma antropofagia dos sentidos.

Os gestos são cuidadosamente calculados em sua declamação<sup>5</sup>. Tal mímica corresponderia às estratégias de comunicação, com a intenção de facilitar a compreensão de uma linguagem não tão evidente. A boca pronuncia “adaga”, as pontas dos dedos lhe ameaçam o pescoço. A “arte”, que é bainha, falada entre um sorriso, traduz-se na outra mão e afasta a lâmina da dúvida. Acontece que Michele, na passagem do livro para a declamação (e vice-versa), estuda as possibilidades da representação, por meio de uma equivalência entre tipografia, ondulações da voz, respiração, movimento do corpo etc. Ela adéqua sua poesia às diversas superfícies e vai absorvendo o microfone, a câmera, os espaços em branco, em sua prática poética. Vai testando seu desejo de fazer do verbo carne.

Não julgo, vejam bem, a efetividade de suas escolhas — é difícil analisar a multiplicidade das formas num único artigo. Somente destaco que a autora é consciente na hora de transitar sua escrita nos diferentes meios; mas, tal como a palavra, nenhum desses espaços lhe é suficiente. O exercício de sua poesia constantemente a faz extrapolar as bordas circundantes, seja pela disposição gráfica emulando o respirar, seja pela linguagem mutilada visualmente, a escrita de Michele Santos explora as fronteiras dos materiais condutores dos versos. Sua ânsia de experimentar a impulsiona aos limites de cada coisa, porque, no final, o objeto desejado nunca está ali, encontra-se noutro lugar, talvez escondido nas “gretas do cotidiano” (como escreve na dedicatória do livro), talvez perdido para sempre.

---

5 É possível até mesmo verificar que, já em 2013, ou seja, alguns anos antes da declamação no programa da TV Cultura, alguns dos gestos enfatizados da poesia “(E)feme(ra)” já existiam em germen nesta *performance* no Sesc de Belo Horizonte. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gdfkUEHAtBo>. Acesso em: 22 out. 2020.

Muitos desses elementos se encontram no poema acima<sup>6</sup>, no qual Michele Santos tece os medos, vontades e motivos de sua escrita. Novamente a palavra se torna maleável em suas tintas. Aqui, estabelece-se uma correspondência direta entre a dúvida (ou procura), o corte, o corpo e a poesia — uma poética, afinal. Para mais, a necessidade de escrever, que envolve uma frequência dolorosa com o caos, serve para estancar seu próprio sangue, conhecer suas perguntas, ou seja, trata-se de algo pessoal, uma urgência que é dela. Ainda assim, a autora se debate com essa condição, não quer que o “alumbramento estético” seja o propósito nele mesmo. O ideal seria que a via-crúcis se convertesse em ordem, em luz, num alimento para ser compartilhado; que sua pesquisa alcançasse o outro, como se a coerência formal (o artífice da poeta) pudesse pacificar as dores da existência ou, pelo menos, comunicá-las, aliviá-las. Esse traço — que tenho a impressão de vir mais do contexto do que de uma necessidade interna — modula um impasse latente da autora: como fazer da experiência formal um ato coletivo? Evidentemente, seria precipitado exigir tão cedo uma resposta para isso — lembremos que é apenas sua estreia. É preciso, entretanto, reconhecer o mérito de ter conseguido já no primeiro livro elaborar tamanha pergunta.

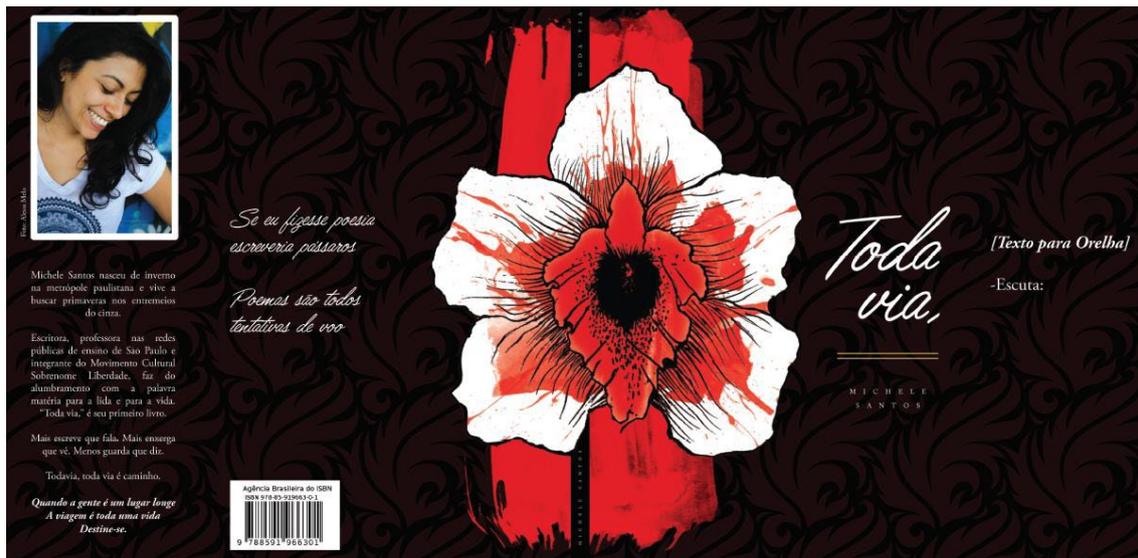
De qualquer modo, tanto a comunhão quanto o ceticismo de Michele Santos desenvolvem caminhos formais, que funcionam num regime de palavras. Ela economiza o traço. Seu gesto prioritário é ir enxugando, diminuindo as estrofes angustiadamente, os versos também; é ir crivando sons e imagens atrás da combinação mínima perfeita. O movimento pode ser visto simplificado na disposição mesma dos textos. Até certa altura os poemas são largos, trovas longas; no entanto, na última página de *Toda via*, se afigura uma única linha: “Poesia: estreia do espanto”. Assim, verso sem verbo, cru. Construção bem diferente de formulações anteriores da antologia sobre o mesmo tema: “O preço do poema é a eterna falta de serventia para fins comerciais” (Santos, 2015, p. 39) ou “Poemas são todos/ tentativas de voo” (Santos, 2015, p. 82). É como se o livro fosse um peneirar devagar, no qual Michele Santos garimpa pepitas valiosas, por meio de um cálculo engenhoso, uma lapidação paciente e uma manipulação fina dos resíduos da língua, que resultam numa construção rebuscada.

\*

Pretendo, agora que já apresentei as linhas de força da escrita de Michele Santos, por minha conta, fazer uma rápida incursão interpretativa sobre a urgência do corte em sua poesia. Para começar, arriscaria dizer que esse artifício representa “o conceito do livro” ou, pelo menos, foi um dos parâmetros que elegia ou excluía os poemas. A ruptura do estado das coisas funciona sem dúvidas como um princípio organizador de *Toda via*, que, para além das sílabas, dos versos, estrofes, espalha-se pelos títulos, subtítulos e acontece, sobretudo, por uma intervenção tipográfica. O aspecto visual constitui uma dimensão importante da obra. Neste sentido, olhando a capa (Figura 1), que foi desenhada pela própria poeta, é possível vislumbrar vestígios da origem deste recurso.

A orquídea ensanguentada sugere o sexo feminino. Quando as páginas se dobram, envelopando os versos, a imagem se torna mais complexa, mais perto do limiar entre um e outro símbolo. Chama mais atenção também a cor, que, pelos traços gotejantes, parece escorrer de dentro da flor para o livro (se tiver a obra nas mãos, perceba que o avermelhado adquire tonalidades diferentes das pétalas para a capa). O sangue preconiza uma ação violenta cortando a pele, talhando a carne. Então, assim como versos de “Sobre searas: saras”, há uma aproximação entre o talho, a poesia e, finalmente, o corpo. O recurso do corte estaria de algum modo intrinsecamente ligado à experiência feminina no mundo. Quer dizer, *grosso modo*, o rasgo na palavra seria a depuração estética encontrada pela poeta, a representação formal da mulher.

6 Não por acaso, os dois poemas declamados no programa da TV Cultura servem como uma espécie de carro-chefe de *Toda via*, isto é, são aqueles que apresentaram o livro nos saras e eventos literários. Evidentemente, porque guardam elementos importantes de sua poética.



Fonte: arquivo pessoal da autora.  
Figura 1 - Capa e contracapa do livro *Todavia*.

Até mesmo a necessidade constante de Michele Santos de reinventar a definição das coisas ou da realidade, isto é, o impulso mesmo de sua poesia, tem a ver com a urgência política de desfazer o que nesta realidade adquire contornos naturais, quando, na verdade, corresponde a mecanismos de opressão. Seus versos estão no fio afiado entre ser concomitantemente “Atena”, “Afrodite”, “Pagu”, em outros termos, assumir a razão, o amor e a luta em sua poética. Um processo legítimo e preciso, que, no entanto, envolve muito sofrimento. Infelizmente, o ato da ruptura coaduna em si diferentes elementos, podendo bem representar os impedimentos enfrentados pelas mulheres na sociedade machista. O corte encerra a violência, a intermitência, aquilo que poderia ter sido e não foi: a poesia — como a leitura do poema “Sui” (Santos, 2015, p. 45) nos mostra:

A escritora fazia poemas incríveis  
que lembravam emilydickinson etc.  
e os guardava à chave  
na gaveta da cômoda

ninguém vai se lembrar dela

do chão pra janela do oitavo  
[uns vinte metros fácil

...

Veio o jornal o fotógrafo freela  
o pastor da universal  
a polícia depois  
[a polícia sempre  
depois.

foto reza vela perícia quem tem o número da família?

ninguém vai se lembrar dela.

uma mãe frita ovos no interior de Minas  
gavetas gritam no oitavo andar

O título do poema é interrompido como a vida, que se jogou do oitavo andar — “Sui”, de suicídio, mas também de “sui generis” — algo único em seu gênero. Novamente, o corte percorre os versos tanto na disposição visual quanto nas rimas, nos cruzamentos entre as imagens e nos jogos de sons entre consoantes mudas e vozeadas, como em “foto reza vela perícia”. Como é sugerido no poema “E(f)ême(r)a”, a mulher se entrelaça ao esquecimento apesar de seus “poemas incríveis”. Daí, talvez, a desconfiança para com a palavra?

Muitos outros poemas de *Toda via*, vão problematizando esse “lugar” feminino na sociedade, ora com ânimo e esperança, ora com tristeza e certo desespero. A poeta, com certo êxito, tenta encontrar as respostas estéticas para todas essas questões da vida. O trabalho é muito grande. Por sinal, o flerte com o hermetismo excessivo é devido à complexidade dessa tarefa ambiciosa. Nas produções posteriores, porém, sinto que ela tem conseguido se resolver. Justamente, para finalizar, reproduzo um poema mais recente de Michele Santos “Houvesse vísceras uma vulva”, publicado na *Antologia Casa do Desejo* (2018) pela Editora Patuá. Aqui, mantêm-se as principais características tratadas neste ensaio e, de modo geral, seu traçado apresenta uma maturidade, menos hesitação do que na estreia. O livro *Toda via*, depurou sua escrita. Para que o leitor possa, por si mesmo, conferir mais de seus versos, logo abaixo do excerto, deixarei uma pequena lista de revistas, em que estão disponíveis alguns de seus escritos (também em prosa). Espero ter despertado o interesse para o potencial da experiência poética de Michele Santos. No mais, boa leitura:

um homem triste me amou  
com sua pica triste e seu abraço  
morno. Um homem triste e a morte  
pendurada no pescoço me atravessou  
como se eu fosse um pedaço um  
buraco. Um homem ativista me amou  
com sua língua tímida e suas vergonhas  
murchas. Um homem ativista e suas  
taras cubanas me consolaram a vulva  
como se eu fosse a camiseta que vira  
pano de pia. Não não – o pano de chão.  
Um homem sedutor me amou com  
brasas, carmenere y palta. Um homem  
sedutor que lambia botas de renome  
me varou a cona me largou na rua na  
manhã de um primeiro dia do ano. Um  
homem literato me amou por trás e pelas  
bandas. Um homem literato com uma  
biblioteca nos braços me ardeu o grelo  
como se eu fosse a culpa de raskolnikov.

Um homem nunca perdoa meu uivo solo  
de mulher louca no meio da noite um  
homem não é afeito a mulheres ex  
travagantes eu sou uma mulher  
grande: a vênus de de willendorf as  
tetras e os gritos gigantes pendendo  
sobre o mundo eu sou uma mulher tão  
eu sou uma mulher muito

### Referências

- EBLE, Tais; LAMAR, Adolfo (2015). A literatura marginal/periférica: cultura híbrida, contra-hegemônica e a identidade cultural periférica. *Especiária: Cadernos de Ciências Humanas*, v. 15, n. 27, p. 193-212.
- LEITE, Eleilson (2020). Poemas para não serem lidos em voz alta. *Outras Palavras*. Disponível em: <https://outraspalavras.net/poeticas/poemas-para-nao-serem-lidos-em-voz-alta/?fbclid=IwAR0SozjXzj1FAD-GBhjzqc4ul0EeQSxqpQx8pgVZswX-4P9okuvNcpkCiXSk>. Acesso em: 30 out. 2020.
- NASCIMENTO, Erica Peçanha do (2009). *Vozes marginais da literatura*. Rio de Janeiro: Aeroplano.
- SANTOS, Michele (2015). *Toda via.*. São Paulo.
- SANTOS, Michele (2018). Houvesse vísceras uma vulva. In: LACERDA, E. (org.). *Antologia do desejo*. São Paulo: Patuá. p. 251-252.
- TENNINA, Lucía (2013). Saraus das periferias de São Paulo: poesia entre tragos, silêncios e aplausos. *Revista de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 42, p. 11-28.
- TENNINA, Lucía (2017). *Cuidado com os poetas! Literatura e periferia da cidade de São Paulo*. Porto Alegre: Zouk.

### Indicações de leitura:

- SANTOS, Michele (2015). Arrocha. *RaiMundo – Revista da nova literatura brasileira*.
- SANTOS, Michele (2016). Quatro poemas. *Magma*, v. 23, n. 13, p. 333-340. <https://doi.org/10.11606/issn.2448-1769.mag.2016.126772>
- SANTOS, Michele (2017). 8 poemas de Michele Santos. *Mallarmargens*.
- SANTOS, Michele (2020). *No trem do tempo com Michele Santos*. Leitura do poema “Descabimento”. Podcast.